



Diante da impossibilidade de se alterar a condição climática de uma determinada área ou região, surgiu há alguns anos, como uma das alternativas para solução deste problema, a **plasticultura**, ciência que tem no seu escopo a finalidade de estudar e definir parâmetros sobre tudo aquilo que é pertinente a aplicação do plástico na agricultura e, no nosso caso, na horticultura.

Com o objetivo de fornecer parâmetros para a plasticultura em hortaliças várias entidades governamentais e da iniciativa privada abriram linhas de pesquisa, experimentação e divulgação de resultados sobre a rentabilidade, seletividade e qualidade de plástico, tipos de estruturas e materiais de construção de estufas, estudos de mercado e técnicas fitotécnicas adequados à produção de alimentos sob a nova metodologia. Os resultados obtidos, aliados às adaptações de tecnologias em plasticulturas de outros países como Estados Unidos, Japão, Canadá, Inglaterra, Israel e Espanha, têm sido utilizados como meio para aumentarem a oferta de hortaliças. O emprego de estufas plásticas, entre outras vantagens, permite o crescimento e a produção de certas cultivares em

épocas diferentes daquelas das suas épocas tradicionais de plantio. Permite, também, a proteção das culturas contra o excesso de umidade permitindo redução no uso de agrotóxicos, através da diminuição de sua frequência de aplicação.

A introdução da plasticultura no Brasil, fez-se através da região Sul, por meio do uso de filmes plásticos pretos aplicados à cultura do morango. Entretanto, mais recentemente, tem havido um aumento de interesse nesta tecnologia para produção de flores, hortaliças e frutos.

Há uma grande expectativa de que a implementação da tecnologia de plasticultura seja igualmente acompanhada do desenvolvimento industrial tanto de matérias primas, quanto na fabricação de plástico de elevadas características agrônômicas, e com custos reduzidos. Há a perspectiva da transformação da plasticultura em instrumento para a solução do problema do abastecimento de algumas hortaliças, em certas regiões do país. Assim, constitui expectativa a produção de tomate nos trópicos úmidos da Amazônia, a regularização da produção de alho nas regiões do Nordeste, a regularização de produção de tomate na região Centro-Oeste e a melhoria na produção de pepino na região Sul. O tempo há de ser o melhor juiz da nova técnica.

A principal preocupação para a utilização do plástico reside na poluição ambiental causada pelo seu uso indisciplinado. Materiais com possibilidade de recuperação posterior ou que apresentem alta biodegradabilidade deverão ser estudados.

Nossa capa apresenta uma estufa plástica utilizada para a produção de hortaliças no Paraná; artigo convidado indica que o estado conta com 45 ha de estufa e que o investimento é vantajoso. É imenso o campo que se abre para todos os que trabalham com ensino, extensão, pesquisa e produção de hortaliças. (Neville V.B. Reis).

Horticultura Brasileira, v. 1, n. 1, 1983 — Brasília,
Sociedade de Olericultura do Brasil, 1983 —
Semestral

Titulos anteriores: v.1-3, 1961-1963, Olericultura.
v.4-18, 1964-1981, Revista de Olericultura.

Não foram publicados os v.5, 1965; v.7-9, 1967-1969.

Periodicidade até 1981: Anual.

1. Horticultura — Periódicos. 2. Olericultura — Periódicos. I. Sociedade de Olericultura do Brasil.

CDD 635.05

Programa de apoio a publicações científicas

MCT

